

Relato de Experiência

A RODA DOS SONHOS E A METODOLOGIA DRAGON DREAMING NO CURSO DE GESTÃO DE PROJETOS COLABORATIVOS DA UNIFAL-MG

Paula Gontijo Martins¹
Kleber Saborito da Silva¹
Álvaro de Souza Rêgo¹
Ianque da Silva Oliveira¹

¹ Universidade Federal de Alfenas (Unifal-MG) / Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Varginha - Minas Gerais / Brasil

Resumo

O presente texto possui o objetivo geral de relatar e partilhar a experiência de utilização da dinâmica *Roda dos Sonhos* no curso de Gestão de Projetos Colaborativos, oferecido no segundo semestre de 2025, na Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG), Campus Varginha. Coerente com seu propósito colaborativo, o uso da técnica pertencente à metodologia *Dragon Dreaming*, envolveu a docente e os respectivos discentes. Dessa forma, especificamente, pretende-se descrever a técnica utilizada, bem como partilhar as potencialidades e os desafios do processo, de forma a contribuir com professoras e professores, grupos de pesquisa/extensão e coletivos independentes, interessados no planejamento colaborativo dentro e fora da Universidade. Este texto, de caráter informativo e crítico, pretende contribuir com o uso de tecnologias colaborativas de gestão dentro e fora da sala de aula, ampliando as possibilidades democráticas na construção da experiência acadêmica.

Palavras-chave: Roda dos Sonhos. Dragon Dreaming. Tecnologias Colaborativas de Gestão.

The Wheel of Dreams and the Dragon Dreaming Methodology in the Collaborative Project Management Course at Unifal-MG

This text aims to report and share the experience of using the "Wheel of Dreams" dynamic in the Collaborative Project Management course, offered in the second semester of 2025 at the Federal University of Alfenas (UNIFAL-MG), Varginha Campus. Consistent with its collaborative purpose, the use of this technique, belonging to the Dragon Dreaming methodology, involved the professor and the students. Specifically, this text intends to describe the technique used, as well as share the potential and challenges of the process, in order to contribute to professors, research/extension groups, and independent collectives interested in collaborative planning inside and outside the University. This informative and critical text aims to contribute to the use of collaborative management technologies inside and outside the classroom, expanding democratic possibilities in the construction of academic experience.

Keywords: Wheel of Dreams. Dragon Dreaming. Collaborative Management Technologies.

La Rueda de los Sueños y la Metodología Dragon Dreaming en el Curso de Gestión de Proyectos Colaborativos en Unifal-MG

Este texto busca informar y compartir la experiencia del uso de la dinámica "Rueda de los Sueños" en el curso de Gestión Colaborativa de Proyectos, impartido en el segundo semestre de 2025 en la Universidad Federal de Alfenas (UNIFAL-MG), Campus Varginha. En consonancia con su propósito colaborativo, el uso de esta técnica, perteneciente a la metodología *Dragon Dreaming*, involucró tanto al profesorado como al alumnado. Específicamente, este texto pretende describir la técnica utilizada, así como compartir el potencial y los desafíos del proceso, con el fin de contribuir a profesores, grupos de investigación/extensión y colectivos independientes interesados en la planificación colaborativa

dentro y fuera de la Universidad. Este texto informativo y crítico busca contribuir al uso de tecnologías de gestión colaborativa dentro y fuera del aula, ampliando las posibilidades democráticas en la construcción de la experiencia académica.

Palabras clave: Rueda de los Sueños. Dragon Dreaming. Tecnologías de Gestión Colaborativa.

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.17915568>

ISSN: 2359-6252

Editor-chefe: Vinicius de Souza Moreira

Editora-adjunta: Letícia Lima Milani Rodrigues

Artigo submetido em 09 de dezembro de 2025 e aceito para publicação em 12 de dezembro de 2025



1 INTRODUÇÃO

Nas duas últimas décadas, a implementação de novas políticas públicas no ensino superior, tais como o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) e, também, o Programa Universidade para Todos (PROUNI), modificou radicalmente o número e o perfil dos estudantes nas faculdades e universidades do Brasil (Silva et al., 2022). Se em 2014, segundo dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), o Brasil possuía 3.110.848 estudantes ingressos em cursos de graduação, em 2024, este número subiu para 5.010.430 estudantes, 61% maior (INEP, 2025).

Por outro lado, se o número de ingressos foi crescente, o número de conclusões do ensino superior não mudou na mesma proporção. É preciso investimento e inovação para a garantia da permanência dos estudantes nas instituições de ensino. Em 2014, 1.027.092 estudantes concluíram o ensino superior. Em 2024, o número de concluintes em cursos de graduação foi de 1.333.828. Além disso, no que tange a modalidade de ensino, em 2024 o número de estudantes que concluíram a graduação presencial teve queda de 6,9% em relação a 2023; enquanto para a modalidade a distância houve crescimento de 2,3% no mesmo período (INEP, 2025).

As reformas e mudanças estruturais são muito grandes, o que deve ser somado à mudanças no perfil dos estudantes, agora imersos em um contexto tecnológico muito distinto de dez anos atrás. Todas estas transformações e estímulos demandam novas estratégias administrativas, programas de apoio e permanência, bem como novas abordagens metodológicas tendo como foco: a escuta, o envolvimento e o processo de aprendizagem do educando da melhor maneira possível (Araújo et al., 2024).

Neste sentido, alinhados com Freire (1996) e teóricos contemporâneos como Srivastava e Tait (2012), coadunamos que é preciso priorizar a construção ativa do conhecimento e incentivar o protagonismo dos alunos, buscando contribuir com processo de aprendizagem mais dinâmico, autônomo e colaborativo. Acreditamos que quando estudantes se tornam agentes ativos do processo de ensino-aprendizagem, há aumento do engajamento e motivação dos alunos, há melhoria na retenção do conhecimento e aumento do interesse dos alunos nas disciplinas (Prince, 2004).

Imbuídos destes valores educacionais, o presente relato de experiência tem como objetivo geral relatar e partilhar a experiência de utilização da dinâmica Roda dos Sonhos (RS) no curso de Gestão de Projetos Colaborativos, oferecido no segundo semestre de 2025, na Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG), Campus Varginha. E como objetivos específicos, vislumbra-se: descrever a técnica RS utilizada; e partilhar as potencialidades e os desafios do processo, de forma a contribuir com professoras e professores, grupos de pesquisa/extensão e coletivos independentes, interessados no planejamento colaborativo dentro e fora da Universidade.

É importante explicar que o curso de Gestão de Projetos Colaborativos visa promover o estudo de modelos participativos e democráticos de gestão, abordando técnicas que alinhem objetivos individuais e coletivos, e integrem a racionalização subversiva e a instrumental (Feenberg, 2010a; Souza; Paula, 2020; Souza; Paula, 2022).

A tecnologia colaborativa selecionada para aplicação, teste e estudo, a RS, pertence à metodologia de gestão de projetos *Dragon Dreaming* (DD). Metodologia que foi sistematizada por John Croft reunindo seu conhecimento como educador e facilitador de projetos colaborativos comunitários em diversos países da África, Ásia e Europa. Com uma linguagem lúdica, Croft (2010) buscou romper com as teorias convencionais de gestão de projetos do ocidente, apresentando alternativa ao modelo hierárquico, conectando teoria e prática, coletivo e indivíduo, promovendo uma racionalidade que subverte os sistemas técnicos de gestão, trocando o ganha-perde (*win-lose games*) pelo Ganha-ganha (*win-win games*).

A RS constitui etapa fundamental no DD e atua como o mecanismo pelo qual um projeto individual se transforma em um projeto coletivo: o time dos sonhos; garantindo que todos os participantes obtenham benefícios e sintam parte do projeto. A RS busca resolver o paradoxo de que, embora todo projeto começa como o sonho de um único indivíduo, é mais motivador e eficaz trabalhar em processos em que todos idealizam uma situação futura em coletivo.

Com este arcabouço teórico, este artigo, um relato de experiência de caráter informativo e crítico (Mussi; Flores; Almeida, 2021), busca apresentar as potencialidades e os desafios observados no processo de planejamento colaborativo em sala de aula, de modo a oferecer subsídios práticos para professores, grupos de pesquisa, de extensão e coletivos independentes interessados na aplicação de Tecnologias Colaborativas de Gestão. Espera-se que ao documentar descobertas, facilidades, dificuldades e sugestões para futuras utilizações do método, possamos contribuir para a ampliação da escuta, da participação, da atuação dos estudantes em sala de aula e, conseqüentemente, das possibilidades democráticas na construção da experiência acadêmica.

No que tange a organização do artigo, ele está dividido em três seções, além desta introdução. A segunda seção constitui o referencial teórico, em que trazemos explicações sobre os conceitos mobilizados ao redor de tecnologia colaborativa, sobre a metodologia *Dragon Dreaming*, e sobre a dinâmica Roda dos Sonhos. Na terceira seção intitulada Desenvolvimento, apresentamos o que foi realizado de fato em sala de aula. Nela, apresentamos o passo a passo percorrido, e também as potencialidades, os desafios e as sugestões para novas aplicações da dinâmica. Por fim, na quarta seção, as Considerações Finais, fechamos o texto, pontuando as principais contribuições do artigo para a comunidade acadêmica.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Tecnologia Colaborativa

Diversos autores, entre eles Agranoff (2012) e Tenório e Teixeira (2021), apontam que a democratização dos processos consiste em importante solução para a crise de liderança e de confiança nas relações atuais, sejam elas de caráter público ou privado. Apontam a democracia e a participação como possibilidade para regenerar as estruturas e os propósitos organizacionais, e aqui, entendemos a sala de aula como um processo organizacional: grupo de pessoas articuladas em prol da realização de um fim em comum (Araújo et al., 2024).

Segundo Goulart (2010) e Zanelli e Silva (2012), a resolução dos problemas e a criação de alternativas inovadoras, atrela-se à criação de grupos autônomos, críticos, motivados e comprometidos por um propósito comum. E para tanto, é preciso pensar em modelos participativos, colaborativos preocupados com a sustentabilidade da vida ao redor, em que objetivos individuais casem com objetivos coletivos. E assim, as pessoas agreguem entusiasmo àquilo que realizam; imputem desejo e vontade próprios às ações empenhadas, percebendo a imbricação dessas com a transformação do meio onde vivem.

Neste sentido, embasadas em pesquisas participativas com associações e cooperativas, Paula e Souza (2019), definem o trabalho colaborativo por ações que contemplem três dimensões: (1) investimento vocacional dos sujeitos em seus trabalhos. Investimento sentimental e subjetivo dos sujeitos com aquilo que faz, reconhecendo valor e sentido social com o que trabalham; (2) Formas colegiadas de auto-organização: sistemas de trabalho em que os sujeitos estão associados de forma autônoma e participam ativamente das decisões sobre o direcionamento estratégico da organização a qual fazem parte; e (3) integração técnica a valores defensores da vida, que vão além da mera busca por lucro e poder. As ações colaborativas integram interesses técnicos, práticos e críticos, intercalando questões éticas e preocupações com a sustentabilidade socioambiental, com cotidiano de trabalho.

Para Paula e Souza (2019) as práticas colaborativas perpassam três instâncias: (1) a individual, em que o sujeito vislumbra retorno e satisfação próprio em suas ações, percebendo ali fonte de crescimento e desenvolvimento profissional e pessoal; (2) a organizacional, em que valores democráticos de pertencimento e valorização da diversidade integram o ambiente de trabalho; e (3) a ética, onde a preocupação com a sustentabilidade da vida, com as relações de implicação do trabalho ao meio socioambiental em que se vive, constitui um dos propósitos do fazer junto.

As construções teóricas de Paula e Souza (2019), fazem referência ao conceito de racionalidade subversiva, desenvolvido por Feenberg (2010b). Feenberg (2010b) dá continuidade às discussões sobre tipos de conhecimento e interesses existentes; discussão desencadeada pela Escola de Frankfurt, principalmente, por Jürgen Habermas. Segundo esta linha de pensamento, é possível a

junção de interesses técnicos, hermenêuticos e críticos na constituição da ciência e de nossas tecnologias.

Segundo Feenberg (2010a, 2010b), a racionalidade subversiva constitui a possibilidade de subversão da razão instrumental, imbuindo em suas práticas valores éticos e democráticos que contestam a concentração e a acumulação de poder. Nesse âmbito, o autor contesta a dicotomia excludente entre racionalidade instrumental e substantiva. Para Feenberg (2010a), é possível sim pensar em técnica que também liberta, também contribui para processos emancipatórios, desde que seus agentes incorporem o sentido e a finalidade das suas ações para além das atividades desempenhadas. A racionalização subversiva estaria baseada “na responsabilidade da ação técnica quanto aos contextos humanos e naturais” (Feenberg, 2010a, p. 97).

2.2 *Dragon Dreaming*

Tendo surgido há mais de vinte e cinco anos na Austrália, a metodologia de Criação Colaborativa de Projetos *Dragon Dreaming* (DD) ganhou relevância global a partir dos trabalhos de John Croft, através da Gaia Foundation e de sua rede internacional de multiplicadores. Há uma relação profunda entre o DD e os conhecimentos ancestrais dos povos originários da Austrália, se conectando, ao mesmo tempo, ao pensamento teórico moderno, como a Ecologia Profunda, Pedagogia do Oprimido e outros, propondo ferramentas que dialogam com outras técnicas de gestão (Souza, 2016).

O DD foi sistematizado por Croft (2010), reunindo seu conhecimento como educador e facilitador de projetos colaborativos comunitários em diversos países da África, Ásia e Europa. Com uma linguagem lúdica, o DD visa romper com as teorias convencionais de gestão de projetos do ocidente, apresentando outra alternativa além do modelo hierárquico, conectando teoria e prática, coletivo e indivíduo, promovendo uma racionalidade que subverte os sistemas técnicos de gestão, trocando o ganha-perde (*win-lose games*) pelo Ganha-ganha (*win-win games*) (Croft, 2010).

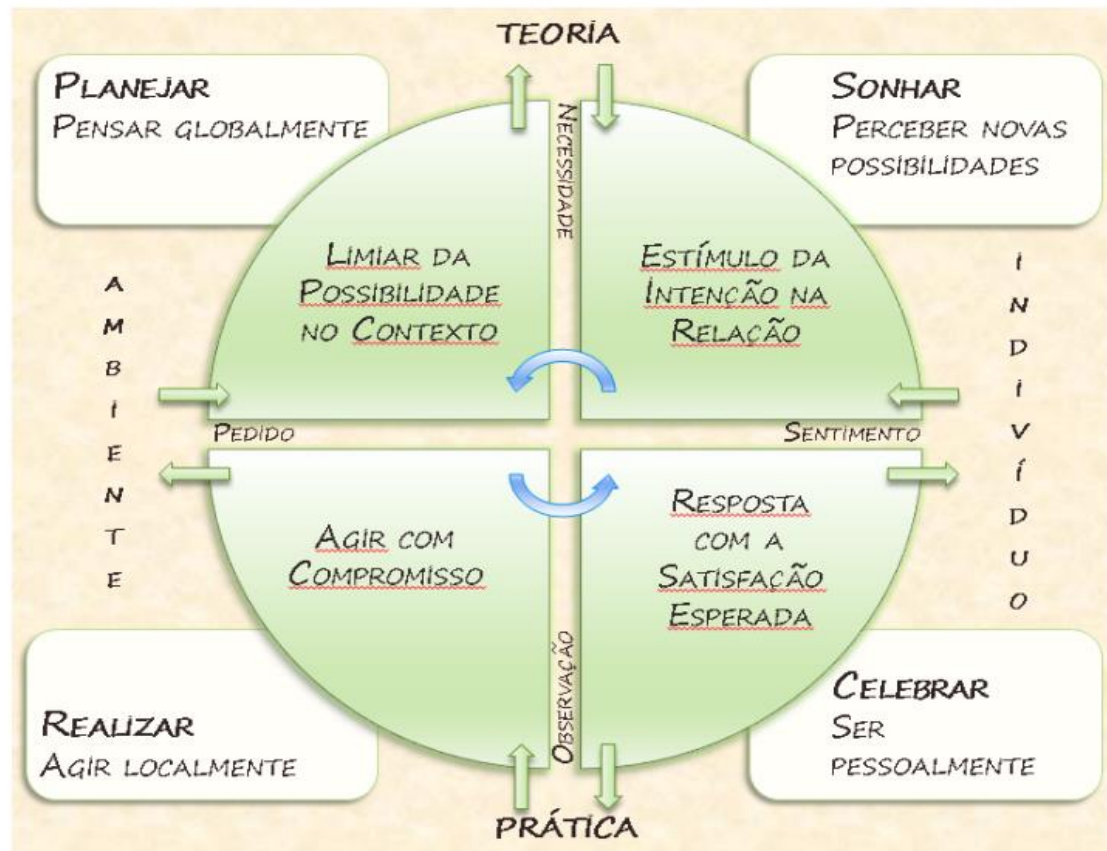
De forma geral, o DD reúne diversas técnicas de gestão, que estimulam a interação, o dialogismo e a construção coletiva. A metodologia preocupa-se com a participação dos diversos atores envolvidos na situação problema, e com a respectiva promoção de autonomia e equidade no grupo (Machado et al., 2021).

Croft (2010), busca alterar a dinâmica entre o coletivo e o indivíduo, lidando com a vida do coletivo de forma dialética, aspirando os indivíduos em busca de algo em comum, mantendo o diálogo aberto. A ideia de uma racionalidade subversiva norteia o processo se estabelecendo como um princípio básico. Assim, o público alvo do DD são projetos que atendem três condições específicas: 1. promoção do crescimento pessoal aos indivíduos empoderando-os; 2. construção e fortalecimento de comunidades; e 3. que suas ações reforcem o bem-estar de todas as formas de vida (Croft, 2010).

A metodologia possui quatro etapas básicas: sonhar, planejar, realizar e celebrar. Na primeira e última fase estão os ensinamentos chave do DD. Os projetos partem do sonho de um indivíduo, sendo o entendimento de sonho algo diferente da concepção psicanalítica. Para o DD, o sonho se conecta com as motivações enraizadas no âmago do ser humano, se revelando não somente durante o sono, mas também na criatividade e na escuta profunda.

Croft (2010) compreende que o poder dos sonhos cria possibilidades ao longo do tempo, porém, para habitar na realidade o sonho necessita ser compartilhado, envolvendo o mundo ao entorno do indivíduo, rompendo a fronteira entre indivíduo e coletivo, é necessário matar o sonho individual para ver nascer o sonho coletivo.

Figura 1 – O Ciclo do *Dragon Dreaming*: Sonhar, Planejar, Realizar e Celebrar



Fonte: Guia Prático *Dragon Dreaming*, versão 2.0, p.13, jan. 2014.

2.3 A Roda dos Sonhos

No DD, a RS constitui etapa fundamental, e atua como o mecanismo pelo qual um projeto individual se transforma em um projeto coletivo: o time dos sonhos; garantindo que todos os participantes obtenham benefícios e sintam parte do projeto.

Este processo busca resolver o paradoxo de que, embora todo projeto começa como o sonho de um único indivíduo, é mais motivador e eficaz trabalhar em processos em que todos idealizam uma situação futura em coletivo. E para que esse processo se concretize de fato, a dinâmica da RS possibilita alguns mecanismos facilitadores, conforme os passos detalhados será detalhado a seguir:

1. O processo se inicia com a transferência de sonho individual para o coletivo (grupo). Para isso, uma pessoa, por meio de fala clara e sincera, pronuncia o seu sonho em roda. Dessa forma, ele inicia o processo de partilha de seu sonho e também de “troca de papéis”: o indivíduo que tem posse do sonho, passa a ser aquele que “partilha” o sonho em coletivo.

2. Após a partilha do sonho introdutório, dá-se início ao momento de coletivização do sonho por meio de perguntas que estimulem o comprometimento de todos que estão presentes. Segundo Croft (2010, p.5), com base em Paulo Freire, a pergunta pode ser: “O que esse projeto precisa ter para que eu me comprometa 100% com ele? Quais são os meus sonhos que irão se realizar neste projeto, de forma que eu fique profundamente comprometido?”.

Nesse ponto, entramos no segundo processo de renúncia de liderança de sonho, no qual o indivíduo iniciador do projeto deve se abster de ser o membro líder exclusivo de ideias do projeto e estar aberto para compartilhar e receber ideias dos demais membros, nesse ponto o projeto se torna coletivo, diminuindo as chances de falhas, potencializando da inteligência coletiva e da sabedoria do

grupo. Assim, visualiza-se uma igualdade no projeto, em que todos contribuem com suas habilidades e pontos fortes únicos e o projeto passa a se tornar de um time, este sendo o Time de Sonhos, onde todos contribuem.

3. A pergunta deve ser feita a cada pessoa, em roda e sequência, até que se esgote todos os sonhos existentes entre os participantes da roda.

4. O processo de registro dos sonhos pode ser realizado de duas formas: ou um facilitador vai anotando os sonhos em um quadro ou folha de *flipchart*; ou em roda, a pessoa anterior registra o sonho da pessoa seguinte, e assim por diante, rodando a função de escrita para todas as pessoas do grupo.

5. Por fim, após a escuta de todos os sonhos, após o esgotamento do desejo de pronúncia dos sonhos, uma pessoa, ou um facilitador, lê a lista de sonhos no tempo passado, simulando a situação em que todos os sonhos já foram realizados.

6. Após a leitura dos sonhos no pretérito, celebra-se o feito.

No processo de escuta dos sonhos, é importante levar algumas questões em consideração:

- Uso do Bastão da Palavra (*Talking Stick*), que evita que uma pessoa se sobreponha à outra promovendo uma participação igualitária. O Bastão da Palavra deve ser passado em sequência, em roda. O detentor do bastão possui autorização para falar. Os demais integrantes da roda devem fazer silêncio e buscar colocar máxima atenção no atual locutor.

- *Pinakarri* (Escuta Profunda), momento de aquietamento e reflexão que exige silenciamento profundo e a doação de empatia profunda para com o outro. Croft (2010, p.4) menciona que “o *Pinakarri* ocorre quando todos os indivíduos são totalmente engajados com a sua intenção na outra pessoa, tentando ver e entender através ‘do andar de seus mocassins ou ver com os seus olhos’”. O *Pinakarri* pode ser liderado e iniciado por um guardião, em todos os momentos que haja percepção que o grupo perdeu o foco no projeto, ou que haja algum desentendimento em que a energia do grupo fique dispersa.

- Regra da Não-Refutação, em que os integrantes não podem negar, refutar ou discordar do que foi dito. Na RD, as idéias contraditórias são permitidas a surgir e indica-se a utilização da técnica da Comunicação Não-Violenta (CNV) no processo. A CNV constitui abordagem de comunicação, criada pelo psicólogo Marshall Rosenberg, que busca promover conexões empáticas e autênticas, focando na expressão honesta de sentimentos e necessidades, sem julgamentos ou críticas. Essa prática pode ser usada em qualquer ambiente e se baseia em quatro componentes: observação, sentimento, necessidade e pedido, ajudando a evitar conflitos e a resolver desentendimentos de forma construtiva.

3 A EXPERIÊNCIA DE APLICAÇÃO DA DINÂMICA RODA DOS SONHOS

A implementação da RS, dinâmica presente na técnica do DD, constitui tema central deste Relato de Experiência. A técnica buscou materializar, em sala de aula, os princípios da racionalização subversiva e da gestão dialógica, promovendo uma experiência de planejamento que desafia a linearidade tradicional.

A experiência ocorreu no segundo semestre de 2025, na disciplina de Gestão de Projetos Colaborativos, oferecida no Instituto de Ciências Sociais Aplicadas (ICSA) da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG), Campus Varginha, onde estiveram envolvidos discentes do curso do Bacharelado Interdisciplinar em Ciência e Economia (BICE).

A dinâmica iniciou-se com a docente, como proponente inicial, partilhando seu sonho da forma mais carismática e sincera possível. Um resumo do sonho pronunciado, anotado por um dos alunos, foi: “*sonho de construção de uma disciplina criativa, que tenha aprofundamento teórico, que englobe o sonho dos demais participantes e que possibilite muitas aprendizagens*”.

A ação deu início à “troca de papéis” e à renúncia da liderança do processo, possibilitando a transformação do sonho individual em um bem comum. O grupo foi, então, organizado em círculo, e a cada participante foi feita a pergunta crucial: “O que este sonho precisa ter para que ele seja 100% seu também?”.

Para assegurar a participação igualitária e o respeito mútuo, foram utilizados mecanismos facilitadores essenciais: o Bastão da Palavra circulou, garantindo que apenas o portador falasse e fosse ouvido sem interrupções. A prática do *Pinakarri* (escuta profunda) foi exercitada, exigindo que os ouvintes silenciassem a voz interna para alcançar uma empatia completa. Essencialmente, a Regra de Não-Refutação manteve o ambiente seguro para a inclusão de contradições, permitindo que todas as aspirações fossem registradas sem crítica, confirmando o princípio de que, no nível das necessidades pessoais, não há oposição.

Os sonhos foram anotados pela pessoa anterior (ao lado direito) na roda, e a dinâmica só se encerrou após o esgotamento de todas as contribuições. A formalização do "Time de Sonhos" ocorreu com a leitura final de toda a lista de sonhos no tempo passado (como se tudo já tivesse sido realizado), seguida de uma pequena celebração imediata, fechando o ciclo.

Importante destacar que quando uma pessoa não tinha o que falar, no momento em que o bastão da fala chegasse para ela, seria possível "pular a vez", deixar para falar na sequência seguinte. Caso não sentisse mais vontade de pronunciar nenhum sonho, aí sim, o processo se esgota para aquela pessoa. O bastão da fala deve rodar até que nenhuma pessoa em roda sinta que não tem mais nada para falar.

A seguir, transcrevemos uma parte dos sonhos pronunciados em sala, no dia 04 de setembro de 2025, e anotados em roda, no momento da dinâmica.

Paula (P): sonho de construção de uma disciplina criativa, que tenha aprofundamento teórico, que englobe o sonho dos demais participantes e que possibilite muitas aprendizagens (sonho inicial).

Álvaro (A): Impacto na vida.

Kleber (K): Agregar conhecimento, aplicar projeto de forma prática.

P: Disciplina divertida.

A: Tivesse mais gente.

K: Maior diversidade, mais pessoas.

P: Estudar algo novo.

A: Impacto na universidade.

K: Realizar todos os processos da disciplina.

P: Pensar uma ação para o público externo da universidade.

Ian (I): Introduzir ciência, artigo, entendimento sobre artigo científico único da disciplina.

A: Desenvolver intimidade mútua.

K: Apresentar as técnicas para comunidade externa. Mostrar novas formas de colaboração.

P: Gostaria de fazer a disciplina em um local harmônico sem ser em sala de aula.

A: Que o sonho seja bonito pelo propósito do projeto.

I: Dia em São Thomé das Letras.

I: Implementar projeto nas escolas, com as crianças. Planejamento para projeto externo.

P: Ler em coletivo textos importantes.

K: Ter resultados positivos, poder adquirir conhecimento e que seja "visível".

P: Sair com satisfação da disciplina.

A: Um momento que não seja sobre aula.

A: Lanche coletivo.

P: Horário bom para todos e com pontualidade.

No âmbito das potencialidades da RS podemos citar a horizontalidade do processo, que transmite sensação de pertencimento e motivação para ação aos integrantes do projeto. A dinâmica provoca os integrantes a incluírem seus anseios pessoais ao sonho inicial proposto. E conforme atestam Machado et al. (2021), esta horizontalidade quebra os paradigmas verticais comuns de organização e gestão de projetos tradicionais, fazendo com que todos se sintam “donos” do projeto e ansiosos para sua realização.

Por mais que o sonho seja externalizado inicialmente por apenas um indivíduo, o projeto toma outra proporção ao integrar às ideias dos demais participantes, motivando o coletivo em torno de um propósito comum. Tal abertura e flexibilidade da proposta faz com que o processo seja mais inclusivo e democrático, facilitando a auto-organização colegiada (Paula; Souza, 2019).

Nesse sentido, outro aspecto positivo, é a relação de proximidade criada entre os participantes do grupo. A exposição dos sonhos pessoais amplia o conhecimento do grupo sobre o universo de experiências, anseios e problemas habitado por cada integrante. Esta ampliação de conhecimento da complexidade que envolve cada vida ali presente, amplia também a empatia total do grupo. A dinâmica contribui para que sejam explicitadas questões que por vezes ficariam ocultas em outras metodologias. Este fato promove o diálogo mais aberto e sincero, dissolve conflitos e agiliza tomadas de decisões posteriores.

Dentre os desafios, destacamos a dúvida, a entrega ao método, a soltura em confiar em algo que nos parecia estranho. A metodologia DD exige confiança no processo e abertura para o novo que o outro coloca na roda. A situação gera medo de perder o controle e foi visível entre nós este sentimento. Demorou-se tempo para que os integrantes começassem realmente a falar questões importantes para si e assim se integrem ao projeto, para que os estudantes realmente entendessem que poderiam falar o que sentiam, sem constrangimentos. A docente mediadora também precisou interagir e soltar o controle para direcionar ou limitar os sonhos pronunciados. A dinâmica dos sonhos evidencia a morte do sonho individual para sua transformação em sonho coletivo. Este processo de abertura e reinvenção não é tranquilo. É preciso certo esforço para que o proponente inicial abdique de seu sonho assim como foi formulado e veja sua transformação acontecer no grupo.

No que tange o entendimento do significado da palavra *sonho*, a metodologia DD trabalha com paradigma aborígene em que o sonho possui caráter concreto e central na vida humana. Diferente da cultura ocidental, o sonho não pertence apenas ao onírico, ele também é real e concreto, dado que para a cultura aborígene é no onírico que se elabora o real. Em sala de aula, percebe-se que há bastante dificuldade em participar desta proposição. Durante a dinâmica em sala, no início, tendeu-se a compartilhar sonhos mais abstratos e distantes. Com a interferência da docente, reafirmando o prazo e os recursos disponíveis para a realização do projeto coletivo, os sonhos foram ganhando mais concretude e praticidade.

É importante ressaltar que a RS constrói momentos de intimidade em que todos os participantes pronunciam questões importantes e relevantes para si, em interface com o projeto que está sendo criado. Para tanto, é necessário que as pessoas estejam dispostas a compartilhar questões que, por vezes, são delicadas. Este lugar de abertura e partilha nem sempre encontra ambiente propício de confiança. No entanto, quando a partilha acontece, estabelece-se sentimento de parceria e de entendimento do universo que interfere e modula o projeto coletivo. No âmbito da criação de uma disciplina, ficou evidente que os anseios trazidos pela professora não eram idênticos aos dos estudantes. Para que a disciplina se tornasse um projeto coletivo, era preciso integrar à sala de aula momentos de ludicidade, caráter extensionista e diálogo com o restante da universidade.

Outro desafio observado foi sobre o tempo e a participação na dinâmica. Foram necessários dois encontros, com uma semana de intervalo, para completar a RS. Com a quebra da dinâmica, não foi possível retomar o fluxo de geração de novos sonhos, nem mesmo o vínculo e a memória com o sonho inicial do primeiro dia. Além disso, um novo integrante participou apenas do segundo dia e não lhe foi dado o devido embasamento para que entendesse os sonhos que estavam sendo gerados ali. Dessa forma, houve certa desconexão com os sonhos gerados no segundo encontro, e uma dificuldade com a dimensão da concretude, da real possibilidade de realização dos sonhos nesse segundo dia. Observamos que o ideal é que a dinâmica seja realizada em apenas uma sessão: início, meio e fim. E

caso isso não seja possível, os novos integrantes e até mesmo os antigos precisam ser orientados e rememorados sobre o processo até então construído.

Um ponto que ainda permanece aberto: todos os sonhos devem ser realizados? Isso é possível? Por parte da mediadora há dificuldade em entender, ou acreditar, como todos os sonhos ali colocados serão encaminhados. Se após a dinâmica dos sonhos, todos os itens serão contemplados nos objetivos que serão traçados. Ou não, se no decorrer das quatro etapas do DD (sonhar, planejar, realizar e celebrar), os sonhos vão sendo alterados e transformados, de forma que todos recebam algum encaminhamento. Por exemplo, um dos sonhos colocados em roda foi a realização de um encontro fora da sala de aula. Ele não foi possível nem viável para o semestre, no entanto, com sugestão para a celebração final, planeja-se que o encontro seja realizado em um parque ou praça.

Neste quesito, um último desafio a ser destacado seria a relação com a complexidade e o risco de não executabilidade do projeto que está em formação. O entusiasmo da inclusão irrestrita levou ao risco de o projeto ficar muito complexo, temendo-se a não executabilidade de tudo que foi dito. Houve dificuldade inicial em visualizar as forças e os caminhos necessários para a concretização das ideias vastas geradas, desafiando a necessidade de controle e previsibilidade do planejamento tradicional.

Entre as sugestões para próximos cursos, destacamos que, para aplicação das dinâmicas do DD, seria proveitoso dois horários integrados, em que o grupo pudesse estar reunido por mais de duas horas no mesmo local. Desta forma, as dinâmicas poderiam ter início, meio e fim em um só encontro, o que facilita o entendimento, a colaboração e a integração às atividades propostas. Neste sentido, uma primeira sugestão seria a proposição de uma disciplina de 60 horas, em que as aulas pudessem ser oferecidas de forma integrada na semana, ou seja, as quatro aulas semanais fossem sequenciais, em um único dia.

O segundo apontamento diz sobre a primazia da experiência sobre a teorização. Como foi realizado no presente relato, indica-se que as dinâmicas sejam realizadas sem estudo teórico prévio por parte dos estudantes e conduzidas por um/uma facilitador/a. Assim, após experiência da atividade, após mobilização do grupo para a realização das atividades é que se inicia o processo de apresentação teórica, crítica e realização de apontamentos conceituais pertinentes ao processo. No caso aqui exposto, após a realização da RS, e após a realização de outras dinâmicas, a turma pôde discutir textos sobre a técnica, bem como realizar conversa com profissionais experientes na aplicação da dinâmica, de forma que novas reflexões e questionamentos pudessem ser elaborados, com a lembrança do que foi vivenciado de fato.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo teve como objetivo relatar e partilhar a experiência de utilização da dinâmica RS no curso de Gestão de Projetos Colaborativos, oferecido no segundo semestre de 2025, na UNIFAL-MG, Campus Varginha. E como explicado ao longo do texto, a dinâmica teve como propósito, a transformação do sonho individual da docente da disciplina (o planejamento das aulas da disciplina do semestre) em um plano coletivo, envolvendo os alunos matriculados.

A RS, foco de análise deste texto, se mostrou apropriada e justificada para os fins inicialmente idealizados. A dinâmica contribuiu para a construção de uma disciplina colaborativa, autogestionada por seus participantes. Contribuiu para o engajamento e a motivação do grupo na realização das atividades. Coerente com seu propósito colaborativo, a RS, de fato, possibilitou a substituição da proposição inicial dada pela docente por uma proposição coletiva, em que desejos e anseios dos discentes também fossem contemplados, não apenas ampliando o escopo da disciplina, como incrementando atividades antes não imaginadas pela docente.

Como potencialidade da técnica utilizada, percebeu-se a mudança de postura e engajamento do grupo, criando vínculo e comprometimento entre os integrantes. A exposição sequenciada dos sonhos dos integrantes permitiu maior entendimento sobre o universo habitado por cada um, sobre os porquês de estarem ali, o que desejavam com a disciplina cursada, o que buscavam extrair dali, além das limitações de cada um.

Dificuldades também foram enfrentadas. A morte do sonho individual, a exposição dos sonhos pessoais, o comprometimento com o grupo foram conquistas gradativas, que dependeram da real confiança das pessoas à metodologia. Percebe-se que é preciso confiança no fluxo do processo metodológico proposto, e que a leitura final dos sonhos no pretérito, bem como a celebração de todo o ciclo concluído, são fundamentais para o amadurecimento do grupo.

Para próximas experiências, faz-se importante planejar encontros que contemplem toda a dinâmica em um único dia. Percebeu-se que a técnica ficou prejudicada pelo corte e separação da dinâmica em dois momentos, com uma semana de distância entre eles. A integração de novos participantes também merece atenção, preparando e atualizando o integrante de todos os sonhos já pronunciados. E por fim, indica-se repetir que a vivência seja anterior ao estudo teórico da técnica. Foi importante deixar com que os discentes experimentassem a dinâmica sem preocupações teóricas e críticas; deixar que apenas se entregassem por completo à vivência. Após o processo, pudemos estudar, aprofundar e questionar sobre a técnica com maior riqueza de detalhes.

Como resultados alcançados, pode-se concluir que a utilização da RS em sala de aula, como metodologia colaborativa no contexto acadêmico, foi profícua e positiva. Foi visível o estreitamento dos laços entre docente e discentes para a construção conjunta de um objetivo comum: a aprendizagem de tecnologias colaborativas de gestão. O alinhamento entre o objeto de estudo e sua aplicação prática trouxe envolvimento e comprometimento, sendo este próprio texto, um dos resultados sonhados e realizados pelo grupo. Após a RS, objetivos específicos e um plano de trabalho foi elaborado, também em colaboração. E grande parte das ações propostas foi realizada.

A RS apresentou-se viável no contexto de sala de aula, e pode ser utilizada como instrumento de ampliação de escuta, empatia e integração entre docentes e discentes, universidade e comunidade acadêmica. Em momento de grandes questionamentos sobre as metodologias de ensino universitário, e o papel do ensino superior no país, a técnica da RS amplia a potencialidade de escuta da comunidade científica para a organização de demandas que interfiram significativamente na qualidade do processo de ensino-aprendizagem, no desejo pelo estudo/conhecimento, bem como na ampliação da experiência acadêmica.

REFERÊNCIAS

- AGRANOFF, R. **Collaborating to manage: a primer for the public sector**. Washington DC: Georgetown University Press, 2012.
- ARAÚJO, C. S. S. P.; ARAÚJO, C. M. C.; ARAÚJO FILHO, F. A. P.; VIÉGAS, T. B. L. Gestão universitária participativa: os desafios da construção de uma estratégia democrática para o Ensino Superior. **Revista de Ciências da Saúde Nova Esperança**, v. 22, n. 3, p. 426-438, 2024.
- FEENBERG, A. Racionalização subversiva: tecnologia, poder e democracia. IN: NEDER, R. T. (Org.), **Andrew Feenberg: racionalização democrática, poder e tecnologia** (pp. 67-96). Brasília, DF: Observatório do Movimento pela Tecnologia Social na América Latina/CDS/UnB/ Capes. 2010a.
- FEENBERG, A. Do essencialismo ao construtivismo – a filosofia da tecnologia em uma encruzilhada. IN: NEDER, R. T. (Org.), **Andrew Feenberg: racionalização democrática, poder e tecnologia** (pp. 203- 252). Brasília, DF: Observatório do Movimento pela Tecnologia Social na América Latina/CDS/UnB/Capes. 2010b.
- GOULART, I. B. (Org.) **Psicologia Organizacional e do Trabalho: teoria, pesquisa e temas correlatos**. 3ª edição. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.
- CROFT, J. Materiais – Fichas Técnicas - Como Conduzir Um Círculo De Criação De Dragon Dreaming: O Guia Do Facilitador. **Dragon Dreaming**, 2010. Disponível em: https://dragondreamingbr.org/materiais/FS_10_Como_Fazer_um_Circulo_de_Criacao_do_Dragon_Dreaming.pdf. Acesso em: 05 nov 2025.
- DRAGON DREAMING. **Guia Prático Dragon Dreaming: Uma Introdução Sobre como Tornar seus Sonhos em Realidade Através do Amor em Ação**. Versão 2.0, janeiro de 2014. Disponível em: <https://dragondreaming.org/#ebook>. Acesso em: 10 dez 2025.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). **Censo da Educação Superior 2024: notas estatísticas**. 2025. Disponível em: https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/notas_estatisticas_censo_escolar_da_educacao_superior_2024.pdf. Acesso em: 05 de dezembro de 2025.
- MACHADO, G.; BARBUTO, L.; CROFT, J. D. O método colaborativo aplicado na pesquisa-ação: Contribuições do Dragon Dreaming na incubação social do saneamento ecológico. **Revista Ciência & Tecnologia Social**, v. 4, n.1, p.143-158, 2021.
- MUSSI, R. F. F.; FLORES, F. F.; ALMEIDA, C. B. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Revista práxis educacional**, v. 17, n. 48, p. 60-77, 2021.
- PAULA, A. P. P.; SOUZA, M. M. P. **Gestão dialógica e tecnologias colaborativas**. Curitiba: Appris, 2019.
- PRINCE, M. Does active learning work? A review of the research. **Journal of Engineering Education**, v. 93, n. 3, p. 223-231, 2004.
- SILVA, D. B. D.; FERRE, A. A. D. O.; GUIMARÃES, P. D. S.; LIMA, R. D.; ESPINDOLA, I. B. Evasão no ensino superior público do Brasil: estudo de caso da Universidade de São Paulo. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior** (Campinas), v. 27, n. 02, p. 248-259, 2022.
- SOUZA, M. M. P. **Reciclando a crítica nos estudos organizacionais: as tecnologias de gestão colaborativa no contexto da Associação Astriflores**. Tese de Doutorado apresentada à Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2016.
- SOUZA, M. M. P.; PAULA, A. P. P. Saindo da “torre de marfim” dos estudos organizacionais críticos: a pesquisa-ação aliada a ferramentas colaborativas do Dragon Dreaming no caso da Astriflores. **Desenvolvimento em Questão**, v. 18, n. 51, p. 10-32, abr/jun. 2020.

SOUZA, M. M. P.; PAULA, A. P. P. Por uma teoria crítica das tecnologias de gestão: a ambivalência da tecnologia, a moldura Feenbergiana e a possibilidade da racionalização subversiva. **Cadernos EBAPE. BR**, v. 20, p. 50-61, 2022.

SRIVASTAVA, S. K.; TAIT, C. An activity-based learning approach for key geographical information systems (gis) concepts. **Journal of Geography in Higher Education**, v. 36, n. 4, p. 527-545, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/03098265.2012.692822>. Acesso em: 9 dez. 2024

TENORIO, F. G.; TEIXEIRA, M. A. C. O conceito de gestão social e a democracia regressiva no Brasil após 2016. **Administração Pública e Gestão Social**, v. 13, n. 2, 2021.

ZANELLI, J. C.; SILVA, N. **Interação Humana e gestão**: a construção psicossocial das organizações de trabalho. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012.

Sobre as/os autoras/es

Paula Gontijo Martins  

paula.martins@unifal-mg.edu.br

Mestre em Filosofia do Direito pela PUC-Minas. Doutora em Estudos Organizacionais pelo CEPEAD/UFMG. Docente do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal de Alfenas (ICSA/UNIFAL-MG).

Kleber Saborito da Silva  

kssilva@hotmail.com

Graduando no curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciência e Economia (BICE/UNIFAL-MG). Especialista em Informática na Educação no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais - Campus Machado - MG. Especialista em Docência no Ensino Superior no Centro Universitário do Sul de Minas-MG - Brasil. Especialista em Tecnologias para a Comunicação e Inovação Empresarial no Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto (ISCAP-Portugal - PT). Especialista em Gerenciamento de Redes de Computadores. Graduado em Análise e Desenvolvimento de Sistemas no Centro Universitário do Sul de Minas MG- Brasil.

Álvaro de Souza Rêgo  

alvarosouzarego@gmail.com

Pesquisador, Produtor Cultural e Estudante de Economia na Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG). Atua na interseção entre economia e cultura, com foco em pesquisa, análise de dados, políticas culturais, economia criativa e iniciativas de impacto social.

Ianque da Silva Oliveira  

ianque.oliveira@sou.unifal-mg.edu.br

Estudante de Bacharelado Interdisciplinar em Ciência e Economia (BICE/UNIFAL-MG), ativista ambiental e pesquisador nas áreas de Economia Verde e Finanças Sustentáveis. Coordenador de Projetos na *Climate Cardinals*. Assistente de Sustentabilidade na *Student Energy*.